2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 47. QUINTA FEIRA, 2 DE JUNHO DE 1853. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

DESCOBRIMENTOS SCIENTIFICOS DO SECULO XIX.

Galvanoplastica e a douradura chimica.

(Continuado de pag. 543.)

É sabido que para se obter uma estatua de bronze, de ferro fundido ou de zinco, tendo o esculptor fornecido o modelo de barro, tira-se uma prova de gesso; esta ultima serve para preparar o molde de areia onde se vasa o metal. Estas diversas operações carecem de grande trabalho, e não são sem perigo por causa das explosões que podem occorrer durante a fundição; além disso, a copia metalica sahe imperfeita, e requer para ser concluida numerosos retoques e novo trabalho. Pelo processo da galvanoplastica em vez de fazer um molde em relevo com gesso e depois um molde ouco com areia, começa-se por moldar o gesso em concavo, e reveste-se depois de plombagine o interior deste molde. Mergulha-se então em uma dissolução de sulphato de cobre, e faz-se passar a corrente electrica; quando a camada depositada está de sufficiente espessura tira-se o molde que deixa descoberto o objecto perfeitamente exacto. Se se tractar de um pequena estatua contornada em relevo, de pequena dimensão, tome-se o concavo de cada metade e revista-se de plombagine, aproximem-se depois as duas metades que se ajuntam com gesso, faça-se communicar tudo com o apparelho voltaico, dispondo de maneira que o liquido penetre no interior do molde e que a deposição metallica se possa ahi effectuar. Se o original tiver grandes dimensões, os vasos que se empregarem deverão appresentar uma capacidade enorme; é melhor nesse caso reunir entre si com cera as diversas partes do molde em concavo, de modo que formem uma certa capacidade ou vão em que se metta a dissolução. As partes separadas que assim se obtem são depois soldadas a prata ou a estanho. A final estas mesmas soldas são tambem galvanisadas; para o que basta circumscrever a superficie com mastique de maneira que se forme como uma celha que se enche da solução de sulphato de cobre; mediante a pilha determina-se um deposito de cobre que recama e esconde os vestigios das soldas. Por estes processos é que mr. Soyer executou os baixos relevos galvanoplasticos da sua bella estatua de Guttemberg.

As pequenas estatuas, os baixos relevos, as diversas figurinhas metallicas, que alguns artistas de Paris vão introduzindo no commercio, e que os industriaes inglezes produzem ha muitos annos, são obtidas pelos mesmos meios. Muitas vezes usa-se para occultar o avermelhado do cobre que é de um effeito mediocre, recamarem-se estes differentes objectos de uma camada de prata pela acção da pilha; e o brilho deste metal lhe dá muito realce e valor.

A applicação dos methodos galvanoplasticos á typographia ainda não tem dado na pratica resultados vantajosos; e não poderá talvez offerecer utilidade segura senão para formar as materias em que se fundem os typos. Quanto a estes nada póde substituir, no que respeita á economia, os processos da industria actual.

As chapas ou estampas stereotypadas obtem-se por preço tão baixo que é difficil que a galvanoplastica possa fazer-lhe concurrencia. É notorio que está em uso imprimir em chapas stereotypas os livros de grande consumo e que não tem alterações, como a Biblia, os classicos etc. Toma-se com o gesso o cunho das paginas de impressão compostas com os caracteres metallicos, poem-se a seccar este cunho e deitando-se-lhe a liga dos typos fundidos, obtem-se uma chapa metallica que serve para a tirada dos exemplares. A galvanoplastica poderia talvez intervir para a fabricação deste ultimo cunho, mas nunca o poderia fazer com a necessaria economia.

Estamos chegados ás applicações que mais vi-

vamente attraíram a attenção dos industriaes e dos sabios; isto é o emprego da galvanoplastica em a arte da gravura. Vamos achar um complexo de operações mui importantes para formarem um ramo particular das artes electrochimicas, que é hoje designado pela denominação especial de *electrotypia*, que na Alemanha e na Inglaterra está muito adiantado. Em França não se tem conseguido egual vantagem; em geral, as estampas obtidas pelos processos electrotypicos alteram-se, deterioram-se promptamente e é difficil tirar dellas bom partido; oxydam-se com uma rapidez deploravel. É isto devido sem duvida a terem-se occupado poucas pessoas nessa parte tão insolita e nova das artes industriaes. Não se attende geralmente em França ás condições necessarias para que as chapas de cobre tratadas pela galvanoplastica hajam de reunir as que exigem os gravadores. Póde, todavia, citar-se com elogio um dos mais intelligentes artistas francezes, mr. Zier, que reproduziu e multiplicou por aquelle meio, e com a maior felicidade, muitas formosas estampas de mr. Calamatta.

Diremos as applicações principaes feitas até agora dos processos galvanoplasticos á arte do gravador. A electrotypia permitte executar as operações seguintes: — 1.º fabricar chapas de cobre puro para uso dos gravadores: — 2.º reproduzir as chapas gravadas: — 3.º gravar directamente uma chapa de cobre pela corrente galvanica.

As chapas de cobre empregadas pelos gravadores exigem qualidades que os processos da industria actual realisam difficilmente. O cobre, ainda o mais puro que se encontra no commercio, contem geralmente estanho e outros metaes, que difficultam a gravura ao buril e tornam incerta em seus resultados a gravura pela agua-forte. Ao contrario, o metal que se deposita sob a influencia do fluido electrico é de uma pureza absoluta; é portanto perfeitamente appropriado aos usos da gravura.

O processo para obter essas chapas de cobre lisas é por extremo simples. Basta procurar uma bem lisa que sirva de molde, e sobre a qual se determina, mediante a pilha voltaica, um deposito de cobre que reproduz o original exactamente. A chapa de cobre lisa que se quer reproduzir é primeiro soldada pela sua face posterior a uma lamina d'estanho, de chumbo, ou de zinco, que não serve senão para estabelecer a communicação electrica com a pilha. A pilha mais conveniente é a de M. Smée, que já descrevemos. O sulphato de cobre é posto n'um vaso ou celha vertical de madeira, que contem os electrodes. Algumas manipulações e precauções particulares, ensinadas por M. Smée, que seria difficil esmiuçar aqui e que a pratica demonstra, permittem conseguir-se sem grande trabalho um resultado vantajoso, e ter uma chapa de cobre compacta e lisa, que não ha mais do que polil-a para immediatamente servir aos gravadores.

As chapas de cobre gravadas pela mão do artista não são mais difficeis de reproduzir do que as lisas. Effectivamente, uma chapa, onde se acha traçado o desenho mais complicado, o trabalho mais delicado e mimoso, póde ser copiada com tanta facilidade como a chapa lisa, pois que a deposição metallica se verifica nos dois casos de modo que reproduz fielmente o original.

Os desenhos gravados em chapas de cobre são profundados, como é sabido, na espessura do metal. Ora, o problema consiste em obter uma copia em concavo. É preciso começar por tirar um modelo em relevo, que serve depois para obter o mesmo modelo em ouco. O do relevo alcança-se operando como acabamos de indicar para as chapas lisas. Este methodo é o mais perfeito e deve ser preferido tratando-se de desenhos mui delicados. Porém, receando-se offender uma chapa preciosa, ou se esta apresentar grandes dimensões, empregue-se o processo seguinte. Toma-se uma lamina de chumbo mui delgada, limpa e bem polida; ponha-se n'um torculo de estampar; por baixo poem-se uma chapa de ferro e por cima a chapa gravada; obre então a acção da prensa ou torculo; e pelo facto da pressão o desenho da gravura se imprime em relevo na lamina de chumbo; e esta servirá de molde para obter-se em cobre galvanoplastico uma chapa em ouco, que reproduz exactamente a original sahida das mãos do gravador.

Tentou-se reproduzir por meios similhantes as estampas em aço; porém, como a dissolução dos saes de cobre ataca profundamente o aço, foi necessario usar dissoluções de outra natureza. As tentativas até o presente não deram resultados satisfactorios.

Vamos á gravura directa das chapas de cobre pela corrente galvanica. Ninguem ignora que para a gravura pelo processo da agua forte, princípia-se cobrindo uma chapa de cobre ou de aço com uma camada de cera ou de verniz, sobre a qual o gravador desenha com um buril fino de maneira que appareça o metal: colloca depois a chapa n'um vaso chato e derrama por cima o acido sulphurico (agua-forte) dilatado em agua. O acido ataca e dissolve o metal até uma profundidade sufficiente para admittir a tinta typographica. M. Smée imaginou substituir a agua-forte pela acção chymica que se exerce sobre um metal quando se poem no polo positivo de uma pilha voltaica.

Todas as operações de que temos fallado até agora se formam no polo negativo da pilha; alli se completam, como se viu, as deposições metalicas. Porém, no polo positivo tem logar outra acção chymica, de que M. Smée mui engenhosamente soube tirar partido. Na decomposição elecro-chymica de um sal, ao mesmo tempo que o metal se reduz no polo negativo da pilha, o oxygenio e o acido encaminham-se ao polo positivo, e se com este mesmo polo se communicar uma lamina metalica, esta acha-se pouco a pouco atacada e dissolvida pela acção conjuncta do oxygenio e do acido livres. Este facto, em que M. Jacobi fundou o uso dos anodes, serviu a M. Smée para lograr o curioso resultado de gravar directamente pela corrente galvanica uma

chapa de cobre. As suas recommendações são as seguintes.

A chapa metalica, coberta de cera ou verniz pelas duas faces, recebe como pelo methodo ordinario o desenho feito pelo artista. Esta chapa é então mettida n'uma solução de sulphato de cobre posta em communicação com o polo positivo de uma pilha; o circuito voltaico é completado pondo em relação com o polo negativo uma chapa da mesma dimensão da que ha de gravar-se. A decomposição não tarda a effectuar-se; o oxygenio e o acido sulphurico dirigem-se para a chapa e dissolvem o cobre nos pontos onde os traços estão marcados.

Esta maneira tão nova de gravar offerece segundo o auctor as seguintes vantagens. Evitam-se as exhalações nitrosas que se desenvolvem no processo ordinario: — a acção é mais uniforme do que por meio do acido: — os concavos produzem-se mais rapidamente e com maior perfeição, e se lhes pode dar toda a profundidade necessaria: — os traços são muito mais pronunciados; — não se desprende bolha alguma de gaz, quando no processo ordinario numerosas bolhas adherem ao metal e trazem comsigo desigualdade d'acção.

O emprego de processos analogos aos da gravura galvanica deu azo a conseguir-se o resultado curioso e interessante de transformar uma chapa do daguerreotypo n'outra propria para a gravura, e podendo servir para dar pela tirada no torculo provas em papel da imagem daguerreotypada. Uma prova photographica é composta de relevos formados pelo mercurio, que representam os claros, e de partes planas que constituem as sombras, que não são mais do que a prata da lamina metalica. Fazendo-se a deposição do cobre sobre estas imagens, tomadas como moldes galvanicos, os relevos se tornarão oucos e reciprocamente; de sorte que tirando provas em papel destas estampas recamadas de cobre, os claros ficarão sombras e viceversa. Mr. Grove chegou a desempenhar estas condições de um modo satisfactorio servindo-se da chapa daguerreotypa como anode ligado ao polo positivo da pilha, e mergulhando n'um liquido de tal natureza chimica, que ataca o mercurio e respeita a prata. O liquido que faz este effeito delicado, deixando a prata intacta e dissolvendo o mercurio, é o acido chlorhydrico dilatado em agua. Graças ao emprego de precauções e cuidados particulares, indicados pelo physico inglez, póde-se transformar uma estampa ou chapa daguerriana em uma chapa de gravador, e a tirada della dá no papel uma prova em que se póde gloriosamente escrever: — « *desenhada pela luz e gravada pela electricidade.* »

Revistámos rapidamente as applicações diversas que até agora se tem feito da galvanoplastica. Foi mister deixar muitos factos do mesmo genero, porque a pratica ainda não comprovou sufficientemente a sua valia. E' impossivel por ora prever o logar que estes processos hão de occupar na industria moderna. No começo de um invento nascente é desarrasoado discursar sobre o futuro. Entre os processos e aperfeiçoamentos da galvanoplastica que vemos quoiidianamente ha taes que serão destinados, talvez, a operar uma revolução na metallurgia actual; e outros que nunca passarão de brinquedos recreativos.

Em França, a galvanoplastica tinha feito timidos ensaios; porém, ha quatro annos tem adquirido importancia; a destreza e gosto de alguns artistas afinal triumpharam da indifferença do publico. Mr. Zier levou ao mercado algumas peças de grandes dimensões e notaveis pelo bem acabado e delicadeza, e que neste ponto excedem muito os productos do cinzel e da fundição. Vimos na sua officina um exemplar reduzido da columna Vendome, de nove a dez palmos de altura, que é bastante para presumir-se o que de futuro se póde esperar do emprego da electricidade applicada á reproducção plastica.

Outros artistas executam em Paris obras de pequenas dimensões que permittem apreciar-se o grau extraordinario de mimo e perfeição do moldado que é a propriedade especial das reproducções galvanicas. Acham-se hoje no commercio carteirinhas de dinheiro *(porte-monnaie)* de luxo, cofresinhos ou caixas etc., revestidos de uma chapa galvanoplastica de cobre prateado, e que tem convidado o gosto do publico. Tudo isto ainda não é coisa assaz grave sob o aspecto industrial, e não póde ainda rivalisar com os productos do mesmo genero tão variados e tão numerosos que se encontram em Inglaterra.

Os obstaculos (conclue o doutor Figuier) que retardam entre nós o desenvolvimento da electro-chimica nascem sobretudo da existencia das cartas de privilegio que trazem a esta industria nova toda a casta de difficuldades e hesitações. Quando os alvarás para a douradura e prateamento galvanico e para certos processos de molduragem galvanoplastica definitivamente cahirem no dominio publico, não se duvide que a galvanoplastica industrial haja receber logo consideravel impulso.

(Continúa.)

ABAIXO A RODA DOS EXPOSTOS!

(Continuado de pag. 546.)

A roda, por qualquer lado que se considere a sua influencia, não póde subsistir; todas as considerações moraes e economicas se levantam contra ella. Se uma ou outra vez encobre a deshonra de uma familia, ou de uma innocente seduzida por falsos e insidiosos protestos, é um continuo incentivo á desmoralisação, um perpetuo alimento aos desvarios das paixões, uma provocação ao vicio, á ociosidade, ao esquecimento e desprezo das leis divinas e humanas. A mulher não se defende, e busca na roda o véu para occultar a sua deshonestidade; o homem multiplica insidias para satisfazer os seus desejos imprudentes. Da seducção

á deshonestidade, e da deshonestidade ao vicio publico e asqueroso não vae mais que um passo; a fraqueza, o exemplo, a miseria obrigam, arrastam a dal-o; a roda encobriu a primeira queda, provocou a segunda, desculpou as outras, e todas, foi rasgando e abrindo as bordas do abysmo, atirando a final a innocente dos primeiros dias para as fauces do grande monstro da prostituição. Reparemos: — por cada uma que levanta, outra submerge: conservou esta no credito dos homens, arremeçou aquella ao despreso do mundo; agora deu a mão á virtude para que se rehabilitasse do seu esquecimento momentaneo, logo aplanou-lhe o caminho para escorregar até á infamia; hoje velou pela honestidade e honra das familias, amanhã dá-lhe em espectaculo o maior e mais repugnante dos opprobrios, a morte de todo o pudor, de toda a honestidade.

Declama-se em nossos dias contra o socialismo, e communismo em nome da ordem estabelecida e da divina moral de Christo; porque entre outros maleficios pretende abolir a familia. Se, em vez desses brados miseraveis e ineptos contra uns pobres reformadores, quizessem abrir os olhos, veriam na instituição da roda a mais directa e flagrante condemnação da existencia da familia. Abra-se o dique á torrente dos desejos; cada um ponha fogo em sua alma, e deixe arder em labaredas as suas mais freneticas paixões, rebaixe-se o homem á condição do animal; não se lhe dê do dia de manhã: a familia é o individuo, a roda tomará conta de seus filhos, a communidade determinou adoptal-os. Se isto não é a abolição da familia, o mais socialista e communista de todos os communismos e socialismos, podem os declamadores e defensores da ordem metter os seus argumentos na algibeira que me não sei haver com elles. As leis civis e religiosas impoem deveres ao matrimonio, e a roda com uma sò volta desliga dos mais sagrados delles. A lei e a religião dizem que o filho é da familia, a roda responde que basta ser da communidade; a sciencia diz que o novo ente precisa do primeiro leite e do primeiro amor de sua mãe; a roda tracta a sciencia de visionaria, e confia o filho do homem aos affectos de uma cabra, ou aos affectos ainda mais animaes da mercenaria que se apresenta para lhe dar o alimento. E depois corrida a volta fatal, eil-o ahi desherdado de uma familia, de um nome, o que não teve culpa do seu nascimento, da deshumanidade de seus paes, do vicio das instituições. Uma vez homem, quem são os seus amigos, os seus parentes; onde o tumulo d'aquelles, cuja perda deve sentir, cuja memoria respeitar? È o numero tal dos registos, os outros numeros são os seus irmãos. Mas não choreis, pequeninos; no céu está o Eterno Pae. Esse que não conhece legitimos nem engeitados, o que proferiu aquellas divinas palavras: — deixae-os vir para mim. — Se a alma é boa, se a educação se não esqueceu della, se o exemplo a não levou para o caminho da perdição, o engeitado póde ser ainda um cidadão prestadio á communidade. Entretanto estes são raros, mais raros os que deixaram nome na republica. A grande maioria vegeta na ignorancia e na bruteza; muitos saltam da tutella da sociedade para o banco dos tribunaes. Os engeitados formam como uma raça separada do resto do genero humano; são uma especie de escravos, que á imitação dos antigos pertencem á sociedade. Raça sem familia, sem nome, que se liga ao resto dos homens sómente pela similhança da physionomia, que se reproduz e perpetua a si propria, como a herva má dos campos; e que, assim como esta suffoca a vitalidade da outra vegetação, assim ella se infiltra na sociedade, sugando-lhe as forças, amortecendo-lhe o viço; abatendo-lhe a energia e vivaz reproducção. Não ha povo que lhe resista. O engeitado não é desta ou daquella terra, deste ou d'outro paiz: filho sómente de Deus, o mundo é todo seu; que amor quereis pois que tenha ao solo em que uma mãe despiedosa o depositou, ás instituições absurdas, que consentiram tamanha deshumanidade, e que nem lhe permittem a averiguação de sua familia! Escusas de procurar, engeitado! Os registros do asylo são mudos, não tiveram olhos nem ouvidos, quando te vieram introduzir na roda fatal; uma volta, e perdeste pae, mãe, familia, herança, nome, amor, affectos, tumulo; tudo; desde esse momento teu pae é só Deus, tua familia és tu só, a tua herança o trabalho, o teu nome um numero, o teu tumulo a terra, onde te achares, quando o destino tiver cheia de tuas lagrimas a taça da tua existencia. És captivo sem redempção: tua mãe para se rehabilitar condemnou-te: estás pagando o peccado original.

Quando assim o homem é obrigado pelas instituições a renegar da vida, apenas tem della consciencia; quando para manter uma falsa theoria da virtude, um systema problematico da honestidade das familias, a sociedade o condemna pelo crime que não commetteu, quando lhe nega e subtrae, com o especioso pretexto da paz e tranquillidade domestica, todos os meios de rehabilitação, é escusado impôr-lhe deveres, a sua rasão revolta-se, será um inimigo occulto, prompto a lançar-se em todas as perturbações, em todas as desordens, em todas as luctas que possam aluir e arruinar o edificio social. Na guerra á propriedade o que tem elle a perder? Ignora o que seja; sabe só que ha muitos ricos, e que elle não tem nada. Na guerra á familia, que lhe importa? Elle não tem familia. Na guerra á liberdade, á ordem estabelecida, ás instituições? Elle, escravo dessa liberdade, dessa ordem, dessas instituições, que o condemnaram, que respeito terá por ellas, porque titulo as defenderá!

Assim, em nome da religião atacada em sua divina essencia, em nome da moral offendida, do credito da administração, da economia da republica, da paz e tranquillidade das familias, do respeito humano, da liberdade humana, da civilisação ameaçada, do espirito do seculo, em nome dos homens e em nome de Deus, a roda deve acabar. Encrave-se por uma vez essa machina fatal de desmoralisação e corrupção, como já lhe chamou um escriptor superior. (1)

Mas os infanticidios, mas os abortamentos criminosos!

Não é minha intenção tratar nestas breves linhas toda a questão das exposições; nem ella póde ser estudada com aproveitamento n'um paiz, onde a rotina cega e surda da administração tem seguido *more pecudum* os usos e costumes condemnados e reprovados, deixando dispersos e occultos os preciosos ele-

(1) Lord Brougham — Le tour, c'est la plus belle petite machine de démoralisation que je connaisse.

mentos que devêra ter colleccionado para a solução de qualquer estudo que áquelle respeito se quizesse fazer. Não ha estatisticas criminaes, faltam as da população; em fim para dizer tudo, vivemos n'uma serra em que o proprio governo não sabe quaes são, e a quanto montam as forças productivas do paiz. Isto diz-se, e não se commenta. As frases fallecem para castigar similhante insulto aos primeiros rudimentos da administração.

Não posso pois dizer o que acontecerá a respeito dos infanticidios e abortamentos criminosos, se a roda vier a fechar-se em Portugal. Em França por exemplo, notou-se que depois de abolida a roda em certos departamentos, os crimes contra a concepção não augmentaram. É presumivel que entre nós succederá a mesma coisa. De certo que a Providencia, cuja proficuidade e necessidade agora defendo, tem de produzir um grande abalo na opinião publica, acostumada a vêr na roda um seguro preservativo daquelles nefandos crimes. Será preciso que os receios se aplaquem com uma discussão, que esclareça todos os espiritos, que as apprehensões se desvaneçam á vista das estatisticas criminaes, que se obrigue em fim essa opinião publica a voltar para o lado da rasão e da humanidade, pondo-lhe diante dos olhos, não a roda, mas o que se passa por traz della, bem patente e manifesto, o quadro horroroso dessa mortalidade incomparavel dos expostos, que todos os esforços das mais habeis e humanas administrações não tem podido diminuir. A roda é o infanticidio indirecto, permanente, legal, é aquella roda de navalhas, em que uma discreta e falsa comiseração vae metter o pescoço dos santos expostos. Digamos a coisa com todo o horror da palavra; a roda é um açougue de creanças.

Em Portugal, em Lisboa, a roda é ainda uma maior e mais perversa immoralidade. Os expostos são sustentados pelas rendas da misericordia, cuja grande porção provém da sua loteria. A administração faz andar outra roda, tão immundo fóco de corrupção como a primeira, sob o pretexto de dolorosa precisão. O abysmo da honestidade, do pudor, e dos deveres humanos, chama o abysmo da imprevidencia, da ociosidade e da immoralidade; o roubo sustenta a infamia. Tributo pesado e insupportavel, porque recae quasi exclusivamente sobre o pobre; tributo immoral, porque provoca á imprevidencia humana; tributo impio, porque anima o povo a adorar a cegueira da sorte, e a probabilidade do acaso, em vez de obedecer á lei providencial do trabalho; tributo audaz e sem vergonha, porque é o unico que se não arreceia de proclamar na via publica, pelo grito repetido dos cautelleiros — quem deseja ser roubado! — A loteria torna ainda mais salientes os vicios da roda dos engeitados. Pasma o espirito e doe o coração ao vêr as primeiras auctoridades da egreja portugueza sentadas em volta de uma mesa, discutindo gravemente a maneira de corrigir as difficuldades para organisar capazmente aquella tentação de Satanaz! Maravilha o espirito e confrange o coração, vêr os primeiros administradores de Portugal lançando o seu voto para que as loterias sejam bem distribuidas, e não comam os cambistas as economias do povo! Isto succede em Portugal, n'um paiz catholico. Para se acudir ás necessidades que uma instituição viciosa creára, organisou-se, como já disse, uma immoralidade.

(Continúa)

PARTE LITTERARIA.

UM ANNO NA CORTE.

ROMANCE.

CAPITULO LVII.

FAZ-SE O MILAGRE.

— Viva o sr. infante D. Pedro!

— Viva!

— Viva o nosso principe!

— Vivam as côrtes, que se hão de fazer!

— Queremos as côrtes!

— Viva a rainha!

Estes vivas confusos, repetidos, multiplicados por milhares de vozes, enchiam o ar de mugidos, de bramidos discordes, que, levantando-se do Terreiro do Paço, íam excitar ou a esperança ou o susto nos corações dos que dentro do palacio real os estavam escutando.

— Viste como Sua Alteza ía bonito no seu cavallo negro? — dizia uma mulher nova a outra que tinha ao lado.

— Ia bonito! É um rapaz, como se quer! — respondeu a outra.

— Viva! — gritavam ambas, acompanhando os clamores do povo.

— Que differença entre elle e El-rei? Em!

— A rainha tem rasão. Eu se fosse a ella já ha muito não vivia com o marido.

— Ora ahi está o que se chama fallar bem, sr.ª Joaquina! — interrompeu o rotundo Fr. Antonio da Redempção, que escutara esta conversação. A voz do frade estava rouca; porque Fr. Antonio não era dos que menos tinham gritado naquella memoravel manhã, em que, depois de sair da côrte o Conde valido, o Infante foi pela primeira vez recebido por seu irmão; mas soube dar-lhe tal doçura, que a sr.ª Joaquina voltou para elle uma cara, em que o riso punha a descuberto duas ordens de dentes brancos como jaspe. — Eu bem sabia que a linda taberneira da taberna do Salpicão não podia pensar d'outro modo.

— Ora conte-nos, sr. Fr. Antonio, o que se diz da ida de Sua Alteza ao paço? — perguntou a sr.ª Joaquina.

— O que se diz? Diz-se, que El-rei o recebeu por ter medo cá do povo; e que nem lhe quer dar uma palavra, nem quer que o sr. Infante lhe falle.

— Máu homem, máu homem é El-rei! — acudiu a companheira da Maritorna do Salpicão.

— Lá isso é que não tem duvida que elle é. Mas as côrtes hão de pôr cobro a tanta maldade. Queremos côrtes! — gritou o frade, com a voz já quasi extincta.

— Queremos côrtes! — repetiram os que estavam em roda delle, e que sós o podiam ouvir.

Mas o grito assim transportado, como por ondulações successivas, encheu n'um instante a praça inteira.

O povo estava apinhado debaixo das janellas do paço, e apesar dos terços de infanteria que ainda se conservavam na praça, soltava a cada instante os seus gritos sediciosos, lançava injurias contra os nobres que seguiam o partido de Affonso VI, e até contra o proprio rei, e tinha mesmo por duas vezes levado a ousadia a ponto de entrar nos pateos, e de invadir as escadas do palacio regio; sendo preciso para o obrigar a retirar-se o emprego de violencias. Havia, porém, no Terreiro um espaço cuidadosamente guardado por uma linha de soldados, onde o povo não tinha penetrado; nesse espaço levantava-se uma singella e lugubre forca, de que pendia, esperando pela victima, a corda, que o vento sacudia a cada instante. Era naquella forca que devia ser suppliciado o arrieiro atrevido, que ousara assassinar um criado da rainha; e o povo, que estava alli para salvar o reino e a rainha das tyrannias d'El-rei, respeitava o logar onde se ía executar uma sentença, que fôra dada para satisfazer os desejos da offendida princeza. Era deste modo que Antonio de Belem e a casa dos vinte e quatro ensinaram a pensar os officiaes dos differentes mysteres, e conseguintemente o povo de Lisboa.

A entrada de D. Pedro no paço foi uma entrada triumphal. Acompanhado pelos fidalgos, que o tractavam como se elle fosse já o rei de Portugal, cercado do povo que o victoriava como se elle tivesse salvado a patria no campo de batalha, Sua Alteza penetrou no palacio de seu irmão, não como vassallo mas como senhor; e os seus proprios inimigos pensaram, com terror, que já nada podia impedir, talvez, que elle usurpasse, pela intriga, a seu irmão o throno, que D. João IV conquistara com as armas aos hespanhoes. Depois que Sua Alteza desappareceu da vista do povo, este não cessou de dar *vivas*, e de soltar clamores, até que o som lento e triste de uma campainha veio chamar-lhe para outro objecto as attenções.

O som, lamentoso como um grito de angustia, vinha da banda das Fangas, e pouco a pouco aproximava-se do Terreiro do Paço. Parte do povo, movido por uma curiosidade cruel correu ao encontro do funebre prestito, que aquella agourenta campainha precedia. Os officiaes da justiça em nome da barbara e despiedosa lei, a irmandade da misericordia em nome da caridade christã, conduziam o desditoso Francisco d'Albuquerque á forca. O confessor do condemnado, que o acompanhava naquelle fatal momento, prodigalisando-lhe as consolações da religião, e aproximando-lhe a cada instante dos labios um crucifixo que trazia na mão, era o jesuita Manuel Fernandes. Via-se no gesto e na expressão do rosto do padre, que as suas palavras deviam ser repassadas de unção. Francisco d'Albuquerque, com os olhos fitos no céu, o passo firme e seguro, sem mostrar nem terror, porque tinha pura a consciencia e se sentia innocente, nem orgulhosa e estulta coragem, porque sabia o valor daquelles minutos de vida que lhe restavam, escutava atento o padre Fernandes.

Quando entraram, porém, no Terreiro do Paço, o confessor e o penitente esqueceram um instante a oração para pensarem nas coisas mundanas; porque um e outro percorreram com olhos, em que transluzia a avidez da curiosidade, a immensa praça. O jesuita, depois de estudar, por assim dizer, n'um relancear da vista a physionomia do povo, e de reconhecer que n'aquellas ondas de homens rugia já vagamente uma tremenda tempestade, voltou os olhos para o Tejo, como se buscasse no rio alguma coisa que vivamente o interessava: e, se buscava alguma coisa, encontrou-a de certo, porque um clarão de alegria lhe illuminou instantaneamente o rosto. A alegria passou com tudo rapida como o relampago; a fronte do padre carregou-se outra vez de severa tristeza, e as orações, os conselhos ao penitente um momento interrompidos, continuaram no mesmo tom devoto e compungido, com que haviam sido feitos, sem interrupção, desde o Limoeiro até ao Terreiro do Paço. Francisco d'Albuquerque, esse não procurou conhecer se o povo estava ou não disposto a revolucionar-se, nem tão pouco se algum barco mysterioso vogava pelo Tejo; os seus olhos buscavam uns olhos compassivos, o seu

coração buscava um coração que sentisse com elle as magoas que o ralavam. Era o amor, que se acendia pela ultima vez n'aquella alma já sem vigor, e que acordava nella a mais acerba das saudades, a saudade que tem por futuro uma ausencia que dura por toda a eternidade. Os olhos do angustiado Albuquerque não encontraram senão o odio, a cholera, ou a indifferença em toda a gente em que se fitaram; o que elles queriam achar não estava alli. Só no meio da multidão, que o julgava criminoso, e esperava quasi com impaciencia o momento de o vêr subir a uma forca, onde havia o misero achar allivio á sua immensa dôr? No céu. E foi com o espirito elevado a Deus, e absorvido nos fervores da oração, que Francisco d'Albuquerque seguiu, quasi automaticamente, a fatal procissão até ao pé da forca.

O povo correu todo para ver passar o terrivel prestito, e cercou, apinhando-se, o espaço onde estava levantado o poste fatal, e que era difficilmente guardado pelos esforços e ameaças dos soldados armados de piques e de mosquetes. No seu desejo de vêr aquelle espectaculo repugnante e atroz, que a justiça, em nome da moral e para provar a sua solicitude em purificar os costumes publicos, lhe estava preparando, a multidão esqueceu o seu amor ao Infante, o seu odio ao valido, e a sua esperança de salvar a patria, alcançando d'El-rei a promessa de convocar a côrtes os tres estados do reino. Aos gritos, aos vivas, aos clamores succedeu por alguns minutos aquelle sussurro sem palavras, ora crescente ora decrescente como o bramido do mar batendo ao longe n'uma longa praia de arêa, esse sussurro temeroso que é o silencio das multidões.

O padre Manuel Fernandes, vendo o povo abandonar o paço e voltar as suas attenções para a forca, cujas escadas o carrasco ia lentamente subindo, distraíu-se de novo, esqueceu outra vez a oração, e olhou, agora mais ancioso do que ao entrar no Terreiro do Paço, para o Tejo; onde uma falua vogando com as vélas todas ao vento, e impellida pela força combinada de quatro remos, se vinha aproximando com velocidade do cáes. A rapidez com que a falua caminhava não pareceu satisfazel-o, porque duas rugas profundas lhe sulcaram a testa, dando-lhe á physionomia uma expressão de anciedade e de colera. O jesuita encontrando então entre a multidão o capitão Aniceto Muleta, que tambem se aproximára para vêr de perto representar a outra scena, que elle proprio estivera já a ponto de representar em Fronteira do Alemtejo, fez-lhe um signal quasi imperceptivel, mas tão imperioso que o sr. Aniceto recuou assustado.

Quando o fizeram parar ao pé do fatal poste, Francisco d'Albuquerque teve um sobre-salto como se um pesadêlo doloroso o houvera acordado subitamente; os seus desvairados olhos fixaram-se um instante, com horror, no braço descarnado como o de um espectro, que lhe balançava sobre a cabeça a corda, que devia ser o instrumento do seu supplicio, já disposta pelo algoz n'uma laçada ameaçadora; mas depois, dirigidos por um poder mais forte do que o proprio susto da morte, buscaram outra vez no meio do povo, mas em vão, os dois entes amados, que o pobre Francisco não podia crer o houvessem abandonado naquella hora suprema.

— Não vieram! — exclamou elle baixo ao ouvido do padre Fernandes. E na sua voz tremula havia mais dôr do que no ultimo gemido de um moribundo.

— Hão de vir, irmão — respondeu o jesuita, tambem em voz baixa.

— Tarde. Daqui a um instante... — Francisco d'Albuquerque completou o seu pensamento olhando para o carrasco, que se vinha aproximando delle.

— Deus terá misericordia da innocencia — disse o padre. — Ajoelhae, irmão — proseguiu em voz alta — e recebei a ultima benção, que vos quero lançar em nome do Senhor, que conhece a vossa innocencia.

Quando Francisco, de joelhos já, esperava humildemente, e com as faces molhadas de pranto a benção do jesuita, dois homens, correndo, atravessaram o Terreiro do Paço, a gritar:

— Mataram o sr. Infante! Os traidores mataram o nosso Principe!

Se subitamente caisse uma bomba no meio daquelle povo amontoado, não teria de certo causado maior desordem do que produziu o grito pavoroso de Aniceto Muleta e de Diogo Cutilada, o velho sebastianista que sempre andára ao serviço do capitão Francisco d'Albuquerque, e que, nesta occasião funesta, se pozera ás ordens do astucioso miliciano, na esperança de salvar seu amo. O povo, com rugidos de colera, e gemidos de angustia, precipitou-se sobre o palacio real, e, a não ser a rapidez com que fecharam as portas os soldados que as guardavam, o paço teria sido invadido pela multidão.

— Queremos vêr o sr. Infante!

— Matemos os traidores!

— Demos cabo de tudo!

— Fogo ao palacio!

— Arrombem as portas!

Estes e outros clamores eram acompanhados de pragas, imprecações, e insultos a todos os partidarios d'El-rei. Em quanto a maior parte do povo dava largas á sua colera, soltando estas vozes de furor, outros mais activos, e de um espirito mais practico e positivo, lançavam contra as portas pedras, ou mettiam-lhe os hombros para as arrombarem. As portas começavam a estalar, a gemer e a dar signaes de que não fariam longa resistencia aos esforços da plebe, que a colera animava, quando uma das janellas mais baixas do paço se abriu, e a ella appareceu um dos corregedores da côrte.

— Calem-se lá! Silencio! — gritaram os do povo, que viram assomar á janella o representante da justiça.

— Não descancem sem deitar dentro a porta.

— Não dêem ouvidos ao béca! — clamaram outros.

O corregedor repetiu por muitas vezes, com toda a força dos seus robustos pulmões « Em nome d'El-rei... » antes de achar quem lhe désse attenção; mas por fim sempre alcançou que os homens de prudencia, em grande maioria naquella reunião popular, como em quasi todas, lhe prestassem attenção.

— Em nome d'El-rei — principiou elle, pela centessima vez — ordeno a todos os que presentes estão, que se afastem para longe das portas do paço...

— Abaixo o corregedor. Fóra o béca. Matem o traidor! — rugiu uma parte da plebe, em tumulto: e, uma pedra, lançada por mão temeraria, foi quebrar um vidro mesmo ao lado do corregedor. O juiz fez-se branco como a cambraia da sua ballona, mas proseguiu, logo que o tumulto diminuiu outra vez algum tanto:

— El-rei, para socegar a inquietação do povo, que traidores tem desasocegado com intrigas e calumnias, dignar-se-ha apparecer á janella do palacio na companhia da Rainha, e de seu augusto irmão o sr. D. Pedro.

— Viva El-rei! — clamou todo o povo.

— Viva o sr. Infante!

— Viva a Rainha!

— Viva o corregedor! — bradaram tambem muitos. O corregedor, que começára a sua oração entre insultos, vituperios, e ameaças, acabou-a entre applausos e vivas, o que elle não deveu de certo, como o leitor póde julgar, á sua facundia.

Este tumulto tinha tido um effeito util para os projectos do padre Manuel Fernandes, fôra o demorar a execução de Francisco d'Albuquerque; de modo que, quando o corregedor terminou o seu discurso pacificador, ainda o jesuita e o seu penitente fallavam em voz baixa, não da morte que parecia estar já tão proxima, mas das esperanças que, dizia o padre, Francisco d'Albuquerque não devia perder de prestar ainda grandes serviços á religião e á milicia de Jesus, em que a Providencia, sempre benigna com os que nella poem á sua confiança, o fizera assentar praça. A cessação das hostilidades, que se haviam declarado entre a plebe e o paço, não pareceu assustar o confessor do Infante; os seus olhos vivos, e de um notavel brilho, voltaram-se, socegados para o Tejo; e, como visse chegar á praia uma falua, a mesma para que elle tantas vezes olhára já com anciedade, trazendo de pé na prôa um homem vestido em trajes singellos mas nobres, a expressão do prazer lhe animou a fronte severa. Um clarão de alegria se espalhou pelas feições de Francisco d'Albuquerque tambem naquelle instante; mas de uma alegria mais nobre, mais pura que a do jesuita. Era a alegria do infeliz ao vêr na hora extrema cumprido o seu ultimo desejo, do desditoso que vê fundir-se todo o horror da morte ao calor benefico de uma grande ternura, de um amor sublime.

Com os braços enlaçados, os mantos caidos para os hombros, os bellos cabellos soltos ao vento, Margarida e Thereza, acompanhadas por Fr. Thomaz do Espirito-Santo, atravessavam a passos rapidos o Terreiro, encaminhando-se para o logar onde estava a forca. As duas mulheres pareciam vir cercadas de uma aureola de luz celeste; a esperança, a confiança no céu, que as escolhera para instrumentos de um espantoso milagre; um vivo sentimento de expansiva alegria, a que se misturava ainda a vaga tristeza, essa como sombra de terror que as grandes maguas deixam por muito tempo no espirito, mesmo depois que passaram, davam-lhe a ambas uma tal grandeza, e sobre tudo uma tal belleza, que todos os do povo, que as viam, se afastavam respeitosamente para as deixar passar.

Novos gritos de enthusiasmo se levantaram da plebe, quando, neste momento, uma das grandes janellas do paço se abriu de par em par, e n'elle appareceram Affonso VI, a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, e o infante D. Pedro.

— Viva a familia real! Viva o Infante! Viva a Rainha! — bradou o povo.

— Não mataram o nosso infante! Viva! — gritaram uns.

— El-rei apertou a mão a Sua Alteza! Viva! — repetiam outros.

— A rainha é o anjo da paz, que está entre ambos! Viva! — diziam em altos gritos outros.

— El-rei não faz cara alegre a tudo isto — dizia á sr. Joaquina o nosso Fr. Antonio da Redempção.

— Que hade elle fazer? A rainha tem mais inclinação para o lado esquerdo.

— É verdade — acudiu um visinho. — Olhem como ella se chega para o Infante!

— Aquillo tambem é mal feito — interrompeu outro visinho, homem severo e, ao que parece, amigo da moralidade. — É dar máus exemplos ao povo.

— Cada um chega-se para aquillo de que gosta — disse a sr.ª Joaquina do Salpicão, chegando-se para Fr. Antonio.

— Tem rasão a sr.ª Joaquina — confirmou este, dando uma cotovelada na gorda taverneira.

Durante este tempo os vivas do povo não haviam cessado. Quando, porém, todos os animos pareciam voltados já para a alegria, eis que nova desordem se levanta na multidão, e a agita de uma á outra extremidade da praça. A colera a furia do povo cresceu tanto mais de pressa, e subiu tanto mais de ponto, quanto a maior parte dos que se entregavam aos paroximos da raiva não sabiam bem o motivo por que o faziam. E na verdade aquelle novo furor popular era de tal modo injusto, que só a ignorancia e a bruteza de gente rude o podiam explicar, mas nunca desculpar.

Francisco d'Albuquerque, cingido pelos braços de Thereza e da Calcanhares, estava de joelhos a agradecer a Deus a vida, que por aquelles dois anjos lhe mandara. O perdão d'El-rei, que Fr. Thomaz alcançara do capitão Aniceto, tinha-o o padre Manuel Fernandes na mão, e lia-o com pausada gravidade aos officiaes de justiça que estavam encarregados de fazer executar a sentença de morte, pronunciada pelos tribunaes contra o assassino de Estevão de Castilho. Nesta occasião alguns homens do povo, que, desejosos de saborear as agonias de um paciente, e querendo aproveitar-se do espectaculo gratuito que a justiça humana lhe offerecia para seu ensino, se não haviam arredado um paço de ao pé da forca, vendo malogradas as suas esperanças, e tendo reconhecido n'uma das duas mulheres, que haviam trazido o perdão real ao condemnado, a odeada amante de Affonso VI, principiaram a bradar:

— Traição! Matta a Calcanhares! É uma injuria á rainha! É uma desfeita ao povo! Fóra a infame! É um escandalo! É uma vergonha para o povo!

E estes gritos foram n'um apice repetidos pela multidão, a qual se precipitou logo sobre os soldados, que guardavam a forca. Estes, vendo-se tão violentamente atacados, prepararam-se para a defeza, e foi o seu aspecto severo e ameaçador quem salvou a vida do condemnado e de quantos estavam em roda delle. Os mais furiosos, porém, dentre os do povo, não ousando, por medo, atacar a tropa que guardava Francisco d'Albuquerque, começaram a arremeçar pedras contra este e contra a Calcanhares, e de certo teriam feito alguma victima, se o confessor do Infante não viesse em seu soccorro. De pé, cobrindo com o seu vulto magestoso Francisco e as duas mulheres, que se conservavam abraçados e de joelhos esperando resiguados a morte, levantando na mão direita um crucifixo, e estendendo o braço esquerdo com imperio, o padre Mauuel Fernandes disse, com aquella voz sonora e forte com que tantas vezes, pregando, fizera estremecer de pavor quantos o escutavam:

— Parai, homens loucos! — E estas palavras repetidas por duas vezes impozeram silencio aos que estavam ao alcance da sua voz. O jesuita proseguiu: — Parai, se não quereis perder-vos pela colera. Offender um desgraçado, que Deus acaba de salvar por milagre, é offender o proprio Deus. Não levanteis a mão contra os que o Senhor quiz livrar da morte! Escutai as palavras de Jesus Christo, e tremei, como tremeram os que da sua divina boca as ouviram: «Aquelle de vós que não estiver em peccado seja o que lhe arremesse a primeira pedra.»

Os sentimentos, as paixões correm sempre a multidão como se foram correntes electricas; e é por isso que nas revoluções o povo passa quasi instantaneamente da colera á clemencia, da raiva á mansidão, do enthusiasmo ao terror. Não admira pois que aquella plebe rude, em quem a religião tinha felizmente ainda um immenso poder, não ousasse resistir á voz imperiosa do jesuita que fallava em nome de Deus, e ficasse cabis-baixo, humilde e envergonhado dos seus proprios excessos.

Mas não estavam ainda esconjurados todos os perigos, que ameaçavam a vida de Francisco d'Al-

buquerque. Affonso VI e a rainha haviam assistido áquelle tumulto popular, e, mal lhe souberam a causa, ficaram ambos perdidos de colera. Ella, porque julgava que El-rei, perdoando ao assassino de Estevão de Castilho, quizera fazer-lhe uma offensa, e humilhar o seu orgulho de rainha; elle, porque, não se lembrando de haver assignado perdão algum e vendo de mais a mais a Calcanhares abraçada com o condemnado ao pé da forca, diante do povo de Lisboa, deixou os seus instinctos de ferocidade sobrepujarem a sua debil rasão.

— Vossa Magestade perdoou, sem mo dizer, ao assassino de um criado da minha casa? — exclamou a rainha com iadignação.

— É falso. Não perdoei. É uma traição. Quero que elle morra — balbuciou Affonso VI, espumando de colera.

— Quiz-me Vossa Magestade fazer ainda esta afronta... Talvez o seu privado, o conde...

— Enforquem-no! — rugiu o rei. — E a ella tambem, áquella mulher tambem.

— Ella? — perguntou a rainha. — Quem é?

— A Calcanhares — respondeu elle. — A traidora Calcanharas.

D. Maria Francisca não amava seu marido, antes pelo contrario o detestava; porem, como mulher orgulhosa, que era, tinha um odio mortal a Margarida, a quem atribuiu grande parte das suas desgraças. Voltando-se pois para o Marquez de Marialva, que estava atraz della:

— Vá, Marquez — disse — vá dizer que cumpram as ordens d'El-rei. Sua Magestade não perdoou.

O marquez correu logo ao Terreiro do Paço para obedecer ás determinações de Suas Magestades; e, já elle havia acabado de intimar aos officiaes de justiça a fatal ordem, dizendo que: — « El-rei e a Rainha queriam que o criminoso fosse enforcado, e lhe não perdoavam » — quando um novo personagem, que rompera a custo por entre o povo, impoz com um gesto silencio a quantos o viram, e, subindo dois degráos da escada da forca, com o mesmo orgulho com que outros subiriam os degráos de um throno, pronunciou em voz muito alta e intelligivel as seguintes palavras:

— Aqui ninguem precisa de perdão senão eu. Fui eu, que matei, em duelo leal, Estevão de Castilho. Tinha offendido a honra da Rainha, minha senhora, matei-o. Esse que querieis vêr expirar nesta forca, está innocente. Não é, como julgaveis, um assassino infame, é o capitão...

— É o padre Francisco de Albuquerque, da Companhia de Jesus — interrompeu o padre Manuel Fernandes.

— Luiz de Mendonça! — exclamou suffocado em pranto Francisco de Albuquerque, recebendo nos braços o seu amigo, que acabava de o salvar.

— Luiz de Mendonça! — murmurou Thereza, caíndo desmaiada nos braços da Calcanhares.

— Milagre! — bradou o povo.

— Deus protege o sr. Infante!

— A Providencia quiz mostrar aos máos o seu poder!

— De hoje começa o triumfo dos bons!

— O céu bem claro falla.

— Quer que estes reinos sejam governados por um santo!

— É um milagre de Sua Alteza.

— Viva o Infante!

Todo o povo que momentos antes esbravejava n'um cego furor, agora com fervor religioso desbarretava-se, e curvava respeitoso a cabeça, para receber a benção do padre Mannel Fernandes.

Em quanto isto se passava no Terreiro, o padre de Villes, que entrara no Paço mesmo naquelle instante, chegou-se á Rainha, que se afastára um pouco da janella provavelmente para não assistir á execução da sua horrivel ordem, e disse-lhe em segredo:

— Chegou de França Luiz de Mendonça; e trouxe uma carta de El-rei Luiz XIV, que eu e o padre Manuel Fernandes teremos logo a honra de entregar a Vossa Magestade.

— Onde está Luiz de Mendonça?

O jesuita, que não perdera um instante de vista nenhum dos actores do curioso drama, que se estava representando no Terreiro do Paço, respondeu á Rainha, apontando para a escada da forca, a que elle naquelle momento subia.

— Alli está Luiz de Mendonça.

— Para que?

— Para salvar da morte um innocente que os tribunaes injustamente condemnaram.

— Quem lhe disse padre de Villes que aquelle homem não assassinou Estevão de Castilho?

— Eu vou responder a Vossa Magestade. — E então o jesuita repetiu á Rainha a historia do duelo nocturno entre Luiz de Mendonça e Estevão de Castilho, que o padre Fernandes lhe contára.

De sorte que, quando o Marquez de Marialva veio narrar á familia real a scena de que fôra testimunha, e que El-rei e o Infante haviam presenciado de longe, a Rainha foi a primeira a dizer:

— A innocentes não se perdôa, faz-se justiça. Abençoado seja o novo jesuita, a quem Deus provou já com uma tão grande dôr!

— E o outro — perguntou D. Affonso VI, — o que matou Estevão de Castilho ha de ficar sem castigo?

— Matou-o em duelo, e para defender a minha honra; Vossa Magestade não ouviu? Estevão está morto; e agora, Ninon de Amuraude que se console, e que busque outro noivo.

Francisco d'Albuquerque foi até ao collegio de Santo Antão acompanhado por grande multidão de povo, que via nelle um santo, por quem Deus acabava de fazer o mais maravilhoso de todos os milagres succedidos desde a acclamação de D. João IV em Lisboa; e os jesuitas receberam-no na egreja, com todas as honras que os homens religiosos devem fazer aos que Deus escolhe para nelles manifestar ao mundo a sua omnipotencia.

Margarida separou-se do que fôra seu amante sem uma lagrima de dôr, sem saudades, sem angustia, porque sentia em si a mais suave de todas as consolações que podem abrandar as maguas de uma alma terna, a religião; porque no seu coração havia uma esperança sublime, a de alcançar o céu. Quando Francisco de Albuquerque se encaminhou para Santo Antão a fim de tomar logar entre os seus irmãos da companhia de Jesus, Margarida, metendo-se n'uma liteira que do Paço lhe mandára a Rainha por conselho do seu confessor, acompanhada por Thereza e pelo padre Manuel Fernandes foi tambem ao convento de S. Joanna pedir um abrigo ás tormentas deste mundo, onde podesse consumir o resto da vida na oração e na penitencia.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Terrivel terremoto no archipelago indio. — O *Free-Press* de Singapura de 4 de fevereiro ultimo, referindo-se a um jornal da Java, publica os seguintes pormenores de um terremoto assolador, que começou a 26 de novembro e durou até 22 de dezembro.

Ás oito menos vinte minutos da manhã, sentiu-se em Banda Neira uma forte oscillação vertical de terra, movimento que mudou repentinamente do nordeste para o sul, e durou cinco minutos. Todos os habitantes abandonaram as casas. Era impossivel manter-se alguem de pé sem apoio. De madrugada tinha chovido um tanto, porém, não estava ruim tempo.

Ao primeiro abalo as casas caíram, ou pelo menos soffreram graves avarias: o palacio do governo, a egreja, os aposentos dos officiaes, os armazens de depositos, ficaram muita damnificados. O bairro dos chinas transformou-se n'um montão de ruinas; toda a povoação de Zanegut arrasou-se. Em Great Banda todos os edificios vieram a terra, Louthoir e Sura já não existem. Poucas pessoas pereceram; mas houve muitas feridas.

Não se limitou a isto a catastrophe. Ás oito horas enfureceu-se o mar e obrigou os habitantes a refugiarem-se nas terras altas. Varias embarcações foram arrojadas á costa e de novo arrastadas pelas ondas. As povoações de Great Banda e Neira foram submergidas; nesta ultima as vagas subiram á altura das casas, arrombaram portas, passaram por cima do forte Nassau, e chegaram á falda da Collina onde está construido o forte de Belgium, carreando enorme quantidade de peixes. Pereceram mais de 60 homens das tripulações dos navios surtos na bahia. Espaço de um mez resoaram detonações subterraneas e a terra não cessou de tremer. Os habitantes perderam suas vivendas e colheitas.

Durante estas commoções da natureza o volcão de Gunong-Api permaneceu tranq[illegible]lo, nem foi mais intenso o fumo que usualmente despede.

Em 26 de novembro sentiu-se tambem um tremor de terra em Ceram. O mar invadiu o solo, destruiu grande numero de casas e pereceram muitos habitantes. N'outros muitos pontos do archipelago deu rebate o terremoto, mas em nenhuns causou tantos estragos como em os que ficam mencionados.

Exposição industrial na Irlanda. — Abriu-se em Dublin com grande ceremonial no dia 11 do corrente, posto que ainda estivesse incompleta, recebendo-se diariamente novos objectos.

Ninguem estará esquecido da rapidez maravilhosa com que se erigiu o palacio de cristal em Londres, e este edificio encantado desappareceu mais brevemente ainda, ou, para fallar com exactidão, foi trasladado para outra parte como se fôra uma barraca de campanha. A industria sempre movel, necessita de palacios tambem moveis, carece de uma architectura transitoria que possa seguil-a em todas as suas transformações. O exemplo dado em Londres é agora imitado em toda a parte onde se fazem exposições; e o palacio de Dublin é de cristal, como o seu irmão mais velho; assim como elle saíu da terra por encanto, posto que recebeu ao nascer um dote que assegurava o seu futuro. Um simples particular da Irlanda, mr. Dargan, fez face a todas as despezas, começando por duas avultadas quantias até elevar a somma a 50:000 libras esterlinas, vendo que o projecto da exposição era acolhido na Inglaterra e no continente com muito maior favor do que se esperava.

Na distribuição do edificio a França occupa um dos melhores logares, tendo de ostentar os objectos que foram o adorno principal do palacio de Londres; as porcelanas de Sévres e as tapeçarias dos Gobelins e de Beauvais. M. Sallandrouze, que tomou parte importante na exposição de Londres, apoia grandemente a actual de Dublin. A Russia, a Prussia, a Austria, a Hollanda, a Belgica enviam os seus productos como os mandaram á capital britannica. A Hollanda, entre

outros objectos, remette uma curiosa collecção japoneza, ao passo que o governo inglez e a companhia das Indias fazem uma collecção asiatica tão esplendida como a de Londres.

Coincidencia. — É facto notavel na historia dos Estados-Unidos da America do norte que nenhum dos homens illustres que occuparam o cargo de presidentes daquella republica dos que até hoje tem sido reeleitos, tivesse filhos.

Washington, que não tinha filhos, exerceu a presidencia por oito annos. John Adams teve filhos e não foi reeleito: Jefferson, que nunca os teve, foi reeleito, e foi presidente oito annos. O mesmo aconteceu a Madisson e outros que seria ocioso enumerar. Ultimamente Polk e Taylor não tiveram filhos, e Mr. Pierce recentemente eleito e actual presidente, foi privado de seu filho unico pelo terrivel desastre de Andover.

CAROLINA SANNAZZARO.

Esta joven e sympathica cantora, depois de terminada a sua escriptura em Modena, onde alcançou, como já referimos, não pequeno triumpho na execução da difficil parte de *Alice* na opera *Roberto do Diabo*, acaba de se apresentar pela segunda vez com o exito mais completo perante o publico de Milão.

Pelo que dizem os jornaes musicaes que se publicam em Italia, e de que em seguida damos alguns extractos, poder-se-ha avaliar o effeito que aquella artista produziu, desempenhando a parte da protagonista na opera *Sapho*.

As reflexões dos escriptores italianos sobre o talento da sr.ª Sannazzaro, são summamente honrosas para a distincta cantora, e corroboram quanto a imprensa portugueza unanimemente escreveu em seu abono.

O publico de Lisboa, na sua decidida predilecção pela sr.ª Sannazzaro, deu prova de apurada intelligencia, e de verdadeiro apreciador dos raros dotes que caracterisam tão eximia artista. É que realmente onde quer que ella se apresente, e encontre um publico consciencioso, hade necessariamente despertar o mesmo enthusiasmo, pela infinita expressão do seu canto, e pelo poder que elle exerce sobre a sensibilidade do auditorio.

Eis como a tal respeito se exprime o *Pirata* de 8 de Maio:

« A *Sapho*, esse chefe d'obra do *maestro* Pacini conta hoje mais um triumpho no theatro *Rè* de Milão. Carolina Sannazzaro, desempenhando a parte da infeliz poetisa de Mitilene, não podia obter maiores applausos, nem cingir á fronte mais bella corôa. Dotada de uma voz pouco volumosa, mas extremamente sympathica, sabe tirar della o maior partido pelo seu canto expressivo e apaixonado. Em quanto ao seu merecimento dramatico, convidamos todas as cantoras, até mesmo as de mais *alto cartello*, para que a venham admirar e aprender ao mesmo tempo. Não se julgue, porém, que a sr.ª Sannazzaro gesticule a *torto e direito*, ou que esteja em continuo movimento sobre a scena. Pelo contrario, o seu porte é composto, — grave e moderado o seu accionado. Saudada com vivas acclamações apenas compareceu, continuaram os applausos até ao terminar da opera; no rondó final chegou o enthusiasmo ao seu maior auge, e uma infinidade de vezes foi a inspirada cantora chamada ao proscenio. »

A *Gazzetta Musicale*, de Milão, escreve o seguinte:

« Carolina Sannazzaro acaba de despertar o mais decidido enthusiasmo pela maneira com que interpretou a difficil parte da protagonista na opera *Sapho*, que é sem duvida uma das melhores da escóla moderna italiana. Artista de coração, e dotada de summa intelligencia, exprime com tal força de sentimento as differentes paixões que nella se agitam, que consegue fazer derramar lagrimas de commoção ao publico qne a escuta maravilhado. A sua voz não é muito robusta, nem muito extensa a sua escála; porém o sentimento e expressão de que reveste o canto, e o seu perfeito conhecimento da scena, amplamente nos indemnisam d'aquella falta, e tornam aquella artista digna da mais alta admiração. »

Transcreveremos egualmente o que diz a *Italia Musicale*:

« Ouvimos hontem com summo prazer a sublime musica da *Sapho*, interpretada por uma artista que entre nós deixára mui saudosas recordações. Quem não tiver visto e ouvido Carolina Sannazzaro, não poderá formar idéa do merecimento desta sympathica cantora, que toca, não hesitamos dizel-o, a meta da perfeição. Todos os seus gestos, todos os seus movimentos são cheios de verdade e poesia. Ella não carece de palavras para exprimir as paixões que a comovem. As palavras tem-nas ella nos olhos, nos braços, na mobilidade da sua physionomia.

Escusado é citar as peças em que desperta maior enthusiasmo: só diremos que ella é mais sublime, onde a paixão é mais intensa, — mais inspirada, onde a musica reclama mais inspirada execução. »

Poderiamos ainda citar diversos jornaes, taes como *Gazzetta dei Teatria* e a *Fama*, de Milão, a *Arte* de Florença, e outros, que todos são unanimes na apreciação do talento da sr.ª Sannazzaro, e relatam o exito brilhante que ella acaba de alcançar em Milão.

Não receiavamos, portanto, ser taxados de exagerados, quando a 18 de novembro ultimo escreviamos o seguinte nas columnas deste jornal:

« Sentimos, já o dissemos e tornal-o-hemos a repetir, que a actual empreza não fizesse a acquisição daquella dama, não se lembrando, talvez, que quaesquer que fossem as notabilidades artisticas que o sr. Porto escripturasse, a sr.ª Sannazzaro seria sempre uma artista bemquista do publico, e que nas operas adaptadas aos seus recursos ninguem lhe poderia contestar um prestigio egual ao que alcançou na *Nina*, na *Sapho*, e na *Ildegonda*. É que a sr.ª Sannazzaro é inquestionavelmente a cantora mais inspirada, o genio mais eminentemente dramatico, que appareceu sobre a nossa scena lyrica. »

Depois de concluido o seu contracto em Milão, irá a sr.ª Sannazzaro fazer a sua estrêa perante o publico de Leão, achando-se escripturada para o theatro daquella cidade, conjunctamente com a insigne primeira dama De la Grange, o tenor Calzolari, e outros cantores de distincta nomeada. Irá colher mais um florão para a sua bella corôa de artista!

DEMETRIO RIPAMONTI.